

INFLAÇÃO BAIXA NOS EUA SINALIZA FIM DO APERTO MONETÁRIO

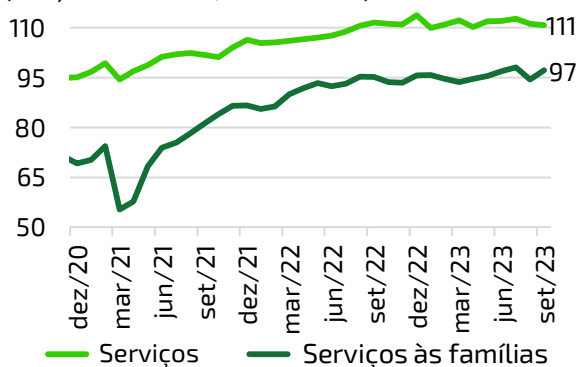
Serviços recuam e devem manter trajetória de desaceleração

Segundo o IBGE, o volume de serviços caiu 0,3% em setembro ante agosto, abaixo da nossa expectativa (0,2%) e da mediana do mercado (0,4%). Em comparação a setembro de 2022, o indicador teve queda de 1,2%, e em 12 meses, o setor acumula crescimento, de 4,4%.

A queda foi puxada por 3 dos 5 segmentos pesquisados, com destaque para *serviços profissionais e administrativos*, que caíram 1,1% ante agosto, e *informação e comunicação* (-0,7%) e *transportes e armazenamento* (-0,2%), que registraram a segunda queda consecutiva na margem. Os *serviços prestados às famílias* foram o segmento que mais contribuiu para conter a queda do volume total de serviços, crescendo 3,0%. A alta, mesmo assim, não foi o bastante para compensar a queda vista em agosto (3,8%). O número foi puxado, ainda, por uma elevação atípica de 16,3% em *outros serviços às famílias*, atribuído a festivais de música ocorridos em São Paulo no período. Isso indica que o crescimento dos serviços das famílias está com tendência de moderação para os próximos meses. De qualquer forma, essa foi a única atividade que apresentou crescimento no 3º trimestre (0,9% t/t) e contribuiu para que o volume de serviços total também tivesse variação positiva no período (0,1% t/t).

A composição das pesquisas do IBGE de setembro sugere que, à medida que a desaceleração já vista na atividade econômica se transmitir para o mercado de trabalho (e, por consequência, para a massa de rendimentos), devemos ter um arrefecimento mais forte dos serviços às famílias e das vendas no varejo (que neste mês surpreenderam positivamente). O mesmo ocorre para a produção de bens de consumo não-duráveis na indústria, mas com defasagem um pouco maior. Assim, projetamos que a atividade deve continuar desacelerando nos próximos meses.

Gráfico 1 - Volume de serviços
(c/ ajuste sazonal, fev/20=100)



Fonte: IBGE.

IBC-Br registra queda e reforça retração do PIB no 3º trimestre

O IBC-Br, indicador de atividade econômica do Banco Central que busca aproximar as variações mensais do PIB, variou -0,1% em setembro ante agosto, abaixo das nossas expectativas e do mercado (0,2%). Na comparação trimestral, a variação foi de -0,6%

t/t no 3º trimestre, apontando para uma retração do PIB na próxima leitura, após 2 trimestres de forte expansão.

Essa tendência de queda na atividade econômica do 3º trimestre reflete a desaceleração vista nos setores mais cíclicos da indústria, do varejo e dos serviços empresariais. Por outro lado, o mercado de trabalho resiliente mantém o consumo das famílias aquecido, que ainda deve se expandir neste trimestre (projetamos 0,2% t/t). Com isso, esperamos uma leve queda no PIB do 3º trimestre, de -0,1% t/t.

Ao longo do 4º trimestre, à medida que o mercado de trabalho perder força, devemos ter a continuação desse movimento de desaceleração, com o arrefecimento do consumo das famílias especificamente. Na nossa projeção, o PIB deve crescer 0,0% no último trimestre do ano e encerrar 2023 com crescimento de 3,0%.

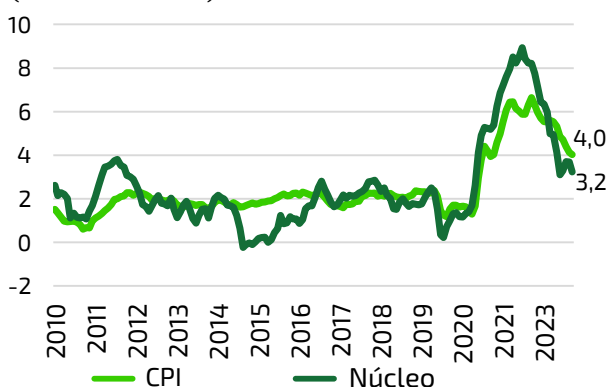
Com queda nos preços do petróleo, CPI vem abaixo do previsto

O índice de inflação ao consumidor (CPI) dos Estados Unidos veio estável (0,0%) em outubro em relação a setembro, quando o indicador havia registrado alta de 0,4%. O resultado veio abaixo das expectativas do mercado (0,1%), assim como na comparação anual, onde a alta de 3,2% veio aquém do previsto (3,3%) e em ritmo mais lento que o dado de setembro, de alta de 3,7%.

Em meio à desaceleração da atividade econômica global, o cenário de queda da demanda por petróleo levou a uma diminuição dos preços da *commodity*, o que refletiu no CPI. A principal contribuição baixista para a leitura foi o grupo de energia (-2,5%), puxado por gasolina (-5,0%) e óleo combustível (-0,8%). Já o núcleo da inflação, que exclui itens voláteis como alimentos e energia, também veio mais fraco que o esperado, com alta de 0,2% ante consenso de 0,3% e desaceleração em relação ao mês anterior. Com isso, a leitura anual do núcleo também arrefeceu, de 4,1% para 4,0%, porém permanece desacelerando de forma lenta.

Os dados fracos de inflação, seguidos da surpresa baixista do *payroll* no início do mês, levaram a zero a precificação pelo mercado de uma alta de juros na reunião de dezembro. De fato, os dados mais recentes tornam pouco provável que haja novas elevações, mas é importante considerar que o Fed reiteradamente afirma que ainda não tem confiança de ter atingido o nível restritivo necessário.

Gráfico 2 - EUA: CPI e Núcleo
(var. % 12 meses)



Fonte: BLS.

AGENDA DE DIVULGAÇÕES

segunda
20/11

Relatório Focus (semanal) – Brasil
Inflação ao produtor (out.) – Alemanha
PIB (3º trim.) - Chile

terça
21/11

Arrecadação Federal (out.) – Brasil
Ata do FOMC – EUA
Índice de atividade Fed Chicago (out.) – EUA

quarta
22/11

Univ. Michigan: índice de confiança (nov. | final) – EUA
Confiança do consumidor (nov. | prel.) – Zona do Euro

quinta
23/11

Feriado: mercados fechados – EUA
PMI Composto (nov. | prel.) – Zona do Euro, Reino Unido, Alemanha
Confiança do consumidor GfK (nov.) – Reino Unido

sexta
24/11

Confiança do consumidor FGV (nov.) – Brasil
PMI Composto (nov. | prel.) – EUA
PIB (3º trim.) – Alemanha
Expectativas do consumidor IFO (nov.) – Alemanha
